

UMA ANÁLISE DO PROJETO NATURALISTA NIETZSCHIANO: O “NATURALISMO” DE NIETZSCHE COMO UMA SUPERAÇÃO DO DUALISMO ESPÍRITO NATUREZA

LEONARDO CAMACHO DE OLIVEIRA¹; CLADEMIR LUÍS ARALDI²

¹*Universidade Federal de Pelotas- leocamacho@globocom*

²*Universidade Federal de Pelotas – clademir.araldi@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho é motivado pelo surgimento de uma nova corrente de interpretação do pensamento nietzschiano, de viés naturalista. Atualmente, observamos um grande entusiasmo com relação à ciência natural e, principalmente, no que concerne aos resultados dela emanados. Este fato vem motivando uma série de pensadores a buscar uma abordagem interdisciplinar de problemas filosóficos, um exemplo é a utilização da neurobiologia para tratar a questão clássica da natureza humana.

Neste contexto, podemos observar uma aproximação de pensadores, vinculados à uma tradição analítica e em constante contato com a ciência, com a filosofia nietzschiana. Vários pontos motivam tal aproximação, seja a aversão de Nietzsche à metafísica e sua conseqüente tentativa de analisar o sujeito sem partir de pressupostos dogmáticos e lançando mão de um estudo físiopsicológico, ou mesmo devido ao seu esforço no sentido de construir uma história natural da moral. O ponto é que tal aproximação gerou uma nova perspectiva interpretativa do pensamento de Nietzsche.

O que pretendemos fazer neste trabalho é, inicialmente, uma análise de duas interpretações neste sentido, as quais polarizam o debate de forma interessante. A primeira delas é de Richard Schacht e se fundamenta na crítica nietzschiana à metafísica, para este autor o fato de recusar um tratamento metafísico do sujeito já é suficiente para colocar Nietzsche como um naturalista. A segunda interpretação a ser estudada é de Brian Leiter e afirma que, no pensar do autor de Zaratustra, temos uma continuidade de resultados com a ciência, apresentando-o, ao lado de David Hume, como um naturalista metodológico especulativo.

Tendo realizado essa análise crítica de tais interpretações, passaremos a um segundo momento do texto, no qual tomaremos uma posição quanto à relação do pensamento nietzschiano com o naturalismo. Iniciamos este momento apresentado nossa compreensão do que seja um projeto naturalista. Acreditamos que tal tema nos remete a uma questão consideravelmente mais antiga, a relação entre espírito e natureza. Escolhemos Kant para situar tal relação, pois em seu pensamento é apresentada uma natureza humana dual. Quando ele afirma que o homem é um ser sensível, mas capaz de razão, esta dualidade se evidencia. Temos de um lado o homem como sensível e, portanto, submetido às leis da natureza de forma heterônoma. Mas, também, o homem, e só o homem, tem a capacidade de agir racionalmente, seguindo uma lei que ele mesmo impõe a si. Com efeito, a noção de sujeito kantiana apresenta uma dupla possibilidade, ou este pode estar sujeito às leis da natureza, se suas inclinações ditam seu agir; ou pode sensibilizar suas inclinações e agir conforme a representação de uma regra

que ele põe a si mesmo, tendo, neste caso, sua ação ditada pela razão e em conformidade com as leis da liberdade.

Vemos que nesta noção de sujeito de Kant, o homem possui características de dois âmbitos distintos: a natureza e a capacidade para razão. Este segundo âmbito, que assegura ao homem um estado especial e representa tudo o que não pode ser compreendido pela natureza, denominaremos espírito.

No idealismo alemão teremos como finalidade principal a superação deste dualismo kantiano. Hegel, ao que nos parece, representa um interessante exemplo de um esforço neste sentido. Dado que ele busca resolver o problema suprimindo o âmbito da natureza e dando uma explicação sistemática do mundo nos termos do espírito. Com efeito, Hegel vai mover-se justamente no sentido oposto ao do naturalismo, partindo do sujeito e chegando ao ponto de afirmar que é o espírito que coloca a natureza, a qual não passa de espírito exteriorizado.

Em decorrência da profunda dificuldade em se fundamentar o âmbito do espírito, sem que com isso se recaia em uma metafísica, ou seja, sem recorrer a elementos exteriores ao mundo natural, a postura defendida no idealismo alemão vem caindo no esquecimento. O que vemos hoje é justamente um movimento no sentido oposto, no que tange a questão do dualismo kantiano. O que se intenta é uma explicação do homem em termos puramente naturais, remetendo-se apenas a sua natureza biológica e antropológica, e é precisamente esse esforço que compreendemos como naturalismo. De tal forma que um projeto naturalista se caracteriza por solucionar o dualismo kantiano (espírito/razão natureza) através da eliminação do âmbito do espírito.

Com efeito, tomando o naturalismo como um posicionamento ante o problema do dualismo espírito natureza, vemos que a posição de Nietzsche frente a tal problema não se opera com a simples exclusão do âmbito do espírito. Pensamos que o filósofo intenta uma superação de tal dualismo, ao propor um novo registro único de análise, a vontade de poder. De tal modo que ao invés de interpretar a efetividade nos termos do espírito, ou nos termos da natureza, o autor de Zarathustra vai superar esta dualidade, interpretando o mundo como dinâmica de forças, movidas sempre por reivindicações de poder.

2. MATERIAL E MÉTODOS

Para a realização deste trabalho de analisar a relação do pensamento de Nietzsche com o naturalismo, utilizou-se, sobretudo, a leitura e fichamento de textos representativos desta nova tradição interpretativa, em um primeiro momento. Logo em seguida, passou-se à uma análise crítica dos mesmos, tendo como base o confronto com o texto nietzschiano e com comentários canônicos de Nietzsche. Somente, então, se passou a tomada de posição quanto ao tema.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Acreditamos que deste trabalho resultou, além do avanço nas discussões com as interpretações naturalistas de Nietzsche, uma importante tomada de posição quanto a postura do filósofo com relação ao problema do dualismo espírito natureza. De tal modo que defendemos que Nietzsche não busca resolver tal dualismo com a simples exclusão da esfera do espírito, tal querem alguns comentadores, como Leiter. Mesmo por que os termos espírito e natureza possuem uma dependência semântica entre si, ou seja, um ajuda na atribuição de significado ao outro. Pois compreendemos a natureza como oposta ao espírito e

justamente desta oposição que retiramos seu significado. Com efeito, buscar a solução deste dualismo com supressão de um dos termos será pouco proveitoso, dado que se suprimimos a esfera do espírito, o que entendemos por natureza perde o sentido.

Nietzsche, acreditamos, vai buscar a superação desta dualidade, tratando do mundo em um novo registro único: a vontade de poder. Desta forma, tanto elementos fisio-psicológico, como elementos culturais e valorativos são analisados sob a perspectiva da vontade de poder:

Ni Dieu ni maître [Nem Deus, nem senhor] – assim querem vocês também: e por isso “viva a lei natural!” – não é verdade? Mas, como disse, isto é interpretação, não texto, e bem poderia vir alguém que, com intenção e arte de interpretação opostas, soubesse ler na mesma natureza, tendo em vista os mesmos fenômenos, precisamente a imposição tiranicamente impiedosa e inexorável de reivindicações de poder [...] Acontecendo de também isto ser apenas interpretação...

Vemos nesta passagem de Além do bem e do mal que Nietzsche, ao criticar uma visão cientificista do mundo, que afirma “viva a lei natural”, apresenta a possibilidade de que com base nas mesmas observações se tenha uma interpretação distinta, a qual traz uma perspectiva de reivindicações de poder. Desta forma, nota-se como Nietzsche, já nesta passagem, aponta para uma leitura de mundo alternativa à cientificista e que propõe um novo registro, o das reivindicações de poder. Esta possibilidade de uma nova interpretação é confirmada na seguinte passagem célebre:

Supondo, finalmente, que se conseguisse explicar toda a nossa vida instintiva como a elaboração e ramificação de uma forma básica da vontade – a vontade de poder, como é minha tese -; supondo que se pudesse reconduzir todas as funções orgânicas a essa vontade de poder, e nela se encontrasse também a solução para o problema da geração e nutrição – é só um problema -, então se obteria o direito de definir toda força atuante, inequivocamente, como vontade de poder. O mundo visto de dentro, o mundo definido e designado conforme o seu “caráter inteligível” – seria justamente “vontade de poder”, e nada mais. –

Resta claro que Nietzsche tem grandes expectativas com a vontade de poder, referindo-se a ela como “minha tese”. Com efeito, para realmente compreendermos o “naturalismo” de Nietzsche, esposado, por exemplo, no capítulo quinto de Para além do bem e do mal, devemos compreendê-lo como um projeto que se dá no interior do perspectivismo e da visão do mundo como vontade de poder. Não nos é lícito esquecer que todas as considerações de Nietzsche, neste período, possuem o estatuto de interpretações. De modo que a leitura do mundo como vontade de poder é, como dito pelo próprio autor, “o mundo visto de dentro”, ou seja, o mundo visto de uma perspectiva humana. Portanto, mesmo o projeto de naturalização da moral passa por uma “humanização” do mundo, como bem aponta Araldi:

A naturalização da moral, desse modo, depende de uma prévia ‘humanização’ da natureza, a partir de certas configurações de impulsos, paixões e afetos humanos ao longo da história. Apesar

de todas as críticas às consequências nefastas da 'humanização' do mundo na metafísica, na política e na moral, o filósofo que quer naturalizar a moral também parece refugiar-se num certo projeto de humanização da natureza, de natureza perspectivista e interpretativa (ARALDI, 2012, p. 112).

Desta forma, podemos concluir, com este trabalho, que a resposta de Nietzsche ao dualismo espírito natureza é sua efetiva superação, através de uma nova perspectiva do mundo como vontade de poder. De modo que o pensador não se enquadra em uma agenda naturalista tradicional, mas antes, sob a égide da vontade de poder e do perspectivismo, apresenta o seu próprio projeto "naturalista".

4. CONCLUSÕES

Vemos como pontos de inovação deste trabalho:

- A colocação do naturalismo como tentativa de superação do dualismo espírito natureza, nos mesmos moldes do que foi intentado pelo movimento filosófico do idealismo alemão, só que de maneira oposta;
- A leitura do "naturalismo" de Nietzsche como uma superação do dualismo espírito natureza;
- A interpretação da vontade de poder como novo registro interpretativo que abrange tanto o âmbito natural quanto o cultural, e como chave de leitura imprescindível para a compreensão do projeto "naturalista" nietzschiano.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARALDI, Clademir Luís. **A vontade de potência e a naturalização da moral**. In: Cadernos Nietzsche, n. 30, São Paulo: 2012, p. 101 – 120.
- GIACÓIA JUNIOR, Oswaldo. Nietzsche e para além de bem e mal. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.
- KAUFMANN, Walter. **Nietzsche Philosopher, Psychologist, Antichrist**. New Jersey: Princeton University Press, 1974.
- KNOBE, J. & LEITER, B. "The Case for Nietzschean Moral Psychology". In: LEITER, B.; SINHABABU, N. (orgs.). Nietzsche and Morality. New York: Oxford University Press, 2007, p. 83-109.
- LEITER, Brian. **O naturalismo de Nietzsche reconsiderado**. In: Cadernos Nietzsche, n. 29, São Paulo: 2011, p. 77 – 126.
- MÜLLER-LAUTER, Wolfgang. **A doutrina da vontade de poder em Nietzsche**. São Paulo: Anna Blume, 2009.
- MÜLLER-LAUTER, Wolfgang. **Nietzsche, sua filosofia dos antagonismos e os antagonismos de sua filosofia**. Trad. Clademir Araldi. São Paulo: Editora UNIFESP, 2009.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Além do bem e do mal**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2007.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da Moral**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2009.
- SCHACHT, Richard. **O naturalismo de Nietzsche**. In: Cadernos Nietzsche, n. 29, São Paulo: 2011, p. 35 – 75.
- WILLIAMS, Bernard. **A psicologia moral minimalista de Nietzsche**. In: Cadernos Nietzsche, n. 29, São Paulo: 2011, p. 15 – 33.